



## ORIGINAL ARTICLE

### POSTPARTUM WOMEN'S PERCEPTION ON THE COMPANION'S PARTICIPATION DURING THE DELIVERY PROCESS

#### PERCEÇÃO DA PUÉRPERA SOBRE A PARTICIPAÇÃO DO ACOMPANHANTE NO PROCESSO PARTURITIVO

#### PERCEPCION DE LA PUÉRPERA SOBRE LA PARTICIPACIÓN DEL ACOMPAÑANTE EN EL PROCESO PARTURITIVO

Luciano Marques dos Santos<sup>1</sup>, Tiago de Souza Barbosa<sup>2</sup>, Mirian Santos Paiva<sup>3</sup>, Aline Gama de Sousa<sup>4</sup>, Rosana Castelo Branco de Santana<sup>5</sup>, Daniela de Medeiros Lopes<sup>6</sup>

#### ABSTRACT

**Objective:** analyzing the perception of postpartum women, interned in the rooming-in at a public maternity in the interior of Bahia, about the participation of a companion during the birth process. **Method:** a descriptive qualitative study conducted through semi-structured interviews with ten interned mothers in the rooming-in at a public maternity in the interior of Bahia. We used the Content Analysis for data analysis. This study was approved by the Ethics Committee of the Faculty of Science and Technology (Salvador), with opinion number 0205/2008. **Results:** it was evidenced two categories, named: "I need a companion to feel safe myself" and "I'm scared of giving birth alone," that approach the perception of respondents about the participation of the companion in the process of childbirth as a way to ease the insecurity and fear of the delivery room. **Conclusion:** the involvement of the companion in this process goes through some pillars: the confidence, the physical and emotional safety of women and the fight against fear, especially in the presence of people from family life. **Descriptors:** humanization; the birth process; companion.

#### RESUMO

**Objetivo:** analisar a percepção da puérpera, internada no alojamento conjunto de uma maternidade pública do interior da Bahia, sobre a participação de um acompanhante durante o processo parturitivo. **Método:** trata-se de estudo descritivo e qualitativo, realizado por meio de entrevistas semi-estruturadas com dez puérperas, internadas no alojamento conjunto de um hospital público do interior da Bahia. Para a análise dos dados utilizou-se a Análise de Conteúdo de Bardin. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Tecnologia e Ciências, campus Salvador, sob o parecer de nº 0205-2008. **Resultados:** foram evidenciadas duas categorias, assim denominadas: "Preciso de um acompanhante para sentir-me segura" e "Tenho medo de parir sozinha", que abordam a percepção das entrevistadas sobre a participação do acompanhante no processo da parturição como forma de amenizar a insegurança e o medo da sala de parto. **Conclusão:** a participação do acompanhante neste processo perpassa por alguns pilares, a saber, a confiança, a segurança física e emocional da mulher e o combate ao medo, com destaque à presença de pessoas do convívio familiar. **Descritores:** humanização; processo parturitivo; acompanhante.

#### RESUMEN

**Objetivo:** analizar la percepción de la puérpera ingresada en el alojamiento conjunto de una maternidad pública del interior de la Bahia, sobre la participación de un acompañante durante el proceso parturitivo. **Método:** estudio descriptivo y qualitativo, realizado a través de entrevistas semi-estruturadas con diez puérperas, ingresadas en el alojamiento conjunto de un hospital público del interior de la Bahia. Para el análisis de los datos utilizamos el Análisis de Contenido. El estudio fue aprobado por el Comité de Ética en Investigación de la Facultad de Tecnología y Ciencias, campus Salvador, bajo el parecer de nº 0205-2008. **Resultados:** Fueron evidenciadas dos categorías, así denominadas: "Necesito de un acompañante para sentirme segura" y "Tengo miedo de parir sola", que abordan la percepción de las entrevistadas sobre la participación del acompañante como forma de reducir la inseguridad y el miedo de la sala de parto. **Conclusión:** la participación del acompañante en este proceso, perpassa por algunos pilares, a saber, la confianza, la seguridad física y emocional de la mujer y el combate al miedo, con destaque a la presencia de personas de la convivencia familiar. **Descritores:** humanización; proceso parturitivo; acompañante.

<sup>1</sup>Enfermeiro. Mestre em Enfermagem pelo Programa de Pós-graduação da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia. Professor Assistente da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Cuidado em Saúde (GEPCS) da UNIVASF. Vale do São Francisco (BA), Brasil. E-mail: [luciano.marques@univasf.edu.br](mailto:luciano.marques@univasf.edu.br); <sup>2</sup>Enfermeiro. Professor do Curso de Enfermagem da Faculdade de Tecnologia e Ciências, campus de Feira de Santana - Bahia. Feira de Santana (BA), Brasil. E-mail: [tiagodesouza4@yahoo.com.br](mailto:tiagodesouza4@yahoo.com.br); <sup>3</sup>Enfermeira. Professora Adjunta do Departamento de Enfermagem comunitária da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia. Líder do Grupo GENSEX. Feira de Santana (BA), Brasil. E-mail: [mirian@ufba.br](mailto:mirian@ufba.br); <sup>4</sup>Enfermeira. Pós Graduada em Saúde Coletiva com Ênfase em PSF. Técnica do Grupo de Estudos sobre a Mulher e a Criança (GEMUC) da Faculdade de Tecnologia e Ciências, campus de Feira de Santana, Bahia. Feira de Santana (BA), Brasil. E-mail: [lineelako@yahoo.com.br](mailto:lineelako@yahoo.com.br); <sup>5</sup>Acadêmica do 8º semestre do curso de graduação em enfermagem da Universidade Estadual de Feira de Santana-BA. Feira de Santana (BA), Brasil. E-mail: [rosanacastelo@hotmail.com](mailto:rosanacastelo@hotmail.com); <sup>6</sup>Enfermeira. Técnica do Grupo de Estudos sobre a Mulher e a Criança (GEMUC) da Faculdade de Tecnologia e Ciências de Feira de Santana, Bahia. Feira de Santana (BA), Brasil. E-mail: [dani.medeiros@yahoo.com.br](mailto:dani.medeiros@yahoo.com.br)

## INTRODUÇÃO

A gestação, o parto e o puerpério são momentos únicos vivenciados pela mulher. Integram a sua vivência reprodutiva com a do homem, além de envolver seus familiares e a própria comunidade onde vive, sendo que o profissional de saúde é um participante ativo nessa experiência, devendo ele intervir de maneira eficiente, se necessário, para assegurar a saúde da parturiente e do recém-nascido.

Contudo, desempenhar esse papel não é fácil, pois os profissionais já estão acomodados e acostumados a encarar a gestação, o parto e o puerpério, como processos predominantemente patológicos, e requer uma mudança de atitude que depende de cada profissional. Além disso, durante a formação se enfatizam as doenças e técnicas intervencionistas como prioridades, sendo estas utilizadas muitas vezes de maneira desnecessárias.

Deve-se, portanto, estar atento para que a discussão do processo de humanização comece a ser desenhada desde a formação dos profissionais, para que no campo de trabalho possa ser mostrada de maneira significativa, pois a gestação é um processo que geralmente transcorre sem complicações.

A atenção humanizada envolve um conjunto de conhecimentos, práticas e atitudes que visam à promoção do parto e a prevenção da morbimortalidade materna e perinatal.<sup>1</sup>

A humanização tem como foco a qualificação da atenção, envolvendo preocupações com o respeito e promoção de direitos humanos da mulher que recebe assistência. Por outro lado, nesta atenção deverão ser levadas em consideração as evidências científicas que venham a nortear as rotinas assistenciais, com vistas a um cuidado de qualidade e de excelência.<sup>2</sup>

Neste contexto, um dos direitos assegurados à parturiente é a presença do acompanhante da sua preferência, a saber, o companheiro, o marido, o familiar ou o amigo na sala de parto, sendo um dos fatores essenciais para humanização em questão.

O direito à presença do acompanhante na sala de parto e pós-parto nas maternidades do Sistema Único de Saúde (SUS) é garantido pela Lei 11.108, de 07 de abril de 2005. O acompanhante deverá ser preparado para prestar o suporte emocional necessário à parturiente, dividindo com a mesma os medos e ansiedades comuns a este momento e

dando-lhe força para estimulá-la nas ocasiões difíceis.

Para a implementação deste cuidado, além da mudança de atitude do profissional, devem ocorrer mudanças nas instituições de saúde, dentre as quais a realização de capacitações e o fornecimento de estrutura adequada para essa nova postura no atendimento prestado à mulher em processo parturitivo.

A presença marcante do acompanhante do sexo masculino na sala do parto e, em particular do conjugue, constitui um indício das transformações em curso nas construções de gênero e de família. Esse fato sinaliza uma mudança nos valores em relação a esse evento, o qual não é mais percebido pela maioria das pessoas atendidas por esse serviço como “coisa de mulher”.<sup>3</sup>

Desta forma, o Ministério da Saúde vem estimulando a implementação de medidas que assegurem a permanência de um acompanhante da preferência da mulher, nas unidades de centro obstétrico, porque entende a importância da humanização do cuidado à parturiente, como uma medida eficaz para a redução dos índices de mortalidade materna e neonatal.

Dentre os membros da família da parturiente destaca-se a participação do futuro pai, indicando desta forma transformações nas relações de gênero, na compreensão do parto como um momento íntimo da família e não como um ato biologicamente pertencente ao corpo feminino e de paternidade. Este acompanhamento durante o processo parturitivo, quando da escolha da mulher, poderá transmitir à parturiente a segurança necessária para tranquilizá-la, proporcionando bem estar físico e psicológico, favorecendo o vínculo familiar.<sup>4</sup>

Diante destas considerações, durante a graduação em Enfermagem, nos estágios no centro obstétrico de uma maternidade pública do interior da Bahia, percebeu-se que a equipe de enfermagem de tal instituição, devido à complexidade e exigências técnicas e administrativas do setor, deixavam a parturiente na maior parte do tempo sozinhas. Por vezes, isto proporcionava momentos de medo e angústia, prejudicando o desenvolvimento natural do processo parturitivo.

Isto posto, questionou-se: como as puérperas percebem a participação de um acompanhante durante o processo parturitivo?

## OBJETIVO

- Analisar a percepção da puérpera internada no alojamento conjunto de uma maternidade pública do interior da Bahia, sobre a participação de um acompanhante durante o processo parturitivo.

## MÉTODO

Estudo de abordagem descritiva e qualitativa. A abordagem qualitativa procura aprofundar-se nos significados das ações e relações humanas dentro de um nível de realidade que não se permite quantificar, sendo este um processo complexo e inacabado, passível de transformação, onde as verdades são parciais.<sup>5</sup>

O campo empírico do estudo foi o Hospital Inácia Pinto dos Santos (HIPS) também conhecido como Hospital da Mulher, em Feira de Santana, Bahia. Esta unidade hospitalar está integrada ao SUS e foi através da mesma que a Prefeitura Municipal de Feira de Santana, inseriu-se no atendimento especializado à atenção a mulher, com leitos especificamente destinados para atendimentos gineco - obstétricos.

Este estudo seguiu a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, sendo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Tecnologia e Ciências, campus de Salvador, Bahia, sob o parecer de nº. 0205-2008.

Para a escolha das participantes, utilizou-se como critérios de inclusão: mulheres que foram submetidas ao parto normal, as quais posteriormente se disponibilizaram em responder os questionamentos e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, totalizando dez puérperas que estavam internadas no Alojamento Conjunto.

A coleta dos dados ocorreu nos meses de março a abril de 2008, através de entrevistas semi-estruturadas. Antes de cada entrevista, as puérperas foram informadas sobre os objetivos, relevância, riscos, benefícios do estudo, além do caráter voluntário de sua participação, sendo assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias. Cada uma das entrevistadas recebeu o codinome de flor, sendo resguardada sua identidade pessoal.

As entrevistas foram transcritas na íntegra, sendo analisadas por meio da Análise de Conteúdo de Bardin. Inicialmente realizamos uma leitura flutuante das entrevistas transcritas, com o intuito de conhecermos a natureza do conteúdo das mesmas. Em seguida, foi feita uma leitura mais

aprofundada afim de descobrirmos o conteúdo latente que se encontrava nos discursos coletados, identificando-se, desta forma, duas categorias, a saber: “Preciso de um acompanhante para sentir-me segura” e “Tenho medo de parir sozinha”.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### • Desejo um acompanhante para sentir-me mais segura

Durante todo período gravídico a mulher enfrenta um momento bastante delicado. Isto vai desde o começo, ao saber que está grávida, perdurando por todo momento em que a mesma passa a perceber e a lidar com as modificações do seu corpo para receber o conceito, além de enfrentar toda a incerteza de como será o processo do parto e pós-parto. Desta forma, o profissional de saúde deverá atuar desde o pré-natal, preparando esta gestante, seu acompanhante, bem como sua família, em seus aspectos físicos e psíquicos.

Uma pesquisa sobre a participação do pai adolescente nos programas públicos de atendimento pré-natal em Florianópolis, Santa Catarina, revelou que os poucos homens que se encontravam à espera de suas parceiras, no momento da entrevista, apenas um deles não manifestou interesse em acompanhá-la na consulta. Todos os outros manifestaram interesse em estarem mais próximos, acompanhando a gestação do filho. Ouvir o coração do conceito destacou-se como um desejo unânime desses homens - talvez associado à vontade de perceber e sentir a materialização da criança que, antes dessas manifestações, era apenas intuída pelo pai através das informações obtidas da mãe.<sup>6</sup>

Estes homens não foram convidados pelos programas e muito menos fizeram parte da rotina e suas atividades e aqueles poucos que aguardavam na sala de espera não foram convidados sequer para adentrarem a sala de consulta.<sup>6</sup>

Nesta categoria as entrevistadas confirmam que a presença do acompanhante iria proporcionar mais segurança durante o processo parturitivo.

*É muito importante, para termos mais segurança, se segurar melhor... para termos coragem, mais coragem para quem está na sala de parto (LÍRIO).*

*[...]eu poderia me sentir mais segura. (ROSA).*

*[...] a pessoa se sente mais segura, porque está com a família [...] então tendo alguém acompanhando vai lhe orientar ele dá todo apoio (GIRASSOL).*

*[...]Ja pessoa se sente mais aliviada tem alguém para conversar[...]. (ORQUÍDEA).*

*Bem, para mulher se sentir mais segura e tranqüila.( ALAMANDA).*

*Pra mim é bom porque eu me sentiria segura e mais confiante, porque é um período bem delicado. (HIBISCO).*

Nos discursos das entrevistadas também ficou evidente a vontade das mesmas em ter ao seu lado durante todo o processo parturitivo uma pessoa de sua escolha, e na maioria das vezes, estas gostariam da presença de membros de sua família.

*[...] é bom que a pessoa esteja junto de nós na hora do parto [...] Queria minha filha. (ACÁCIA)*

*A pessoa se sente mais segura, porque está com a família [...]. (GIRASSOL)*

*[...] se tivesse alguém do lado eu acharia que seria melhor[...] poderia ser meu esposo ou minha mãe. (ALAMANDA)*

*[...] eu preferia que fosse a companhia do meu esposo ou da minha ou mãe[...]" (ORQUÍDEA)*

Percebeu-se no discurso de uma das entrevistadas que apesar de reconhecer a importância da presença do acompanhante, neste momento, uma das participantes considerou que alguém da sua família poderia deixá-la mais apreensiva.

*Eu acho que ia dar mais nervoso. (CRAVO).*

Essa fala alerta para a importância de se respeitar a singularidade de cada mulher, uma vez que é percebida sua vontade de ficar só durante a parturição. Em algumas situações a mulher teme que seu familiar não seja devidamente preparado para enfrentar essas experiências ou teme ter seu corpo e intimidade exposta em momento de dor que possam ser lembradas em outros momentos íntimos do casal em que seu corpo fosse visto como menos desejável.

Neste sentido aconselha-se ao pai que ele permaneça junto à cabeceira da mesa de parto, ao lado da mulher, de maneira que ele não enxergue o períneo e a expulsão do recém-nascido. Acredita-se que não é conveniente que o homem veja os genitais da esposa durante o período expulsivo, pois isto poderia interferir no relacionamento sexual do casal.<sup>7</sup>

### ● Tenho medo de parir sozinha

Percebeu-se nos relatos das entrevistadas uma intensa preocupação com o medo de ficarem sozinhas e isoladas nas salas de parto. O medo diz respeito a um sentimento que deixa a pessoas em estado de alerta de que algo lhe ameaça física ou psicologicamente.

As participantes temem sentirem-se sozinhas, e que complicações lhe ocorram de modo a afetar-lhes ou afetar seus filhos sem que alguém de sua confiança esteja por perto para protegê-las. Tal aspecto revela que a experiência da parturiente é acompanhada de um sentimento de desamparo e solidão em meio à dinâmica de um processo vital delicado em que ela se vê deslocada de seu ambiente natural e seguro da sua casa e sua família para um ambiente artificial do hospital cercado de profissionais estranhos que se fazem presentes apenas nas aplicações de medidas de intervenção sendo visível em seus depoimentos a importância do acompanhante como um “paliativo” para a melhoria deste desconforto psicológico.

*[...] Bom, é importante porque às vezes nós ficamos com medo de ter um bebê, e também às vezes que você mais necessita de alguém do seu lado, os profissionais de saúde saem todos. Nós ficamos sozinhas e dá medo! (ALAMANDA)*

*[...] é muito importante porque nos sentimos sozinhas! Tem os médicos, mas não nos sentimos acompanhadas, eu preferia que fosse a companhia do esposo ou da mãe [...] a pessoa se sente mais aliviada quando tem alguém para conversar, porque naquela hora é mais difícil! Você se sente só, você quer ir embora, você quer fugir e se tiver alguém conversando com você, você relaxava até mais um pouco [...]. (ORQUÍDEA)*

*Muito importante porque a pessoa não se sente só naquele momento, se sente mais à vontade [...]. (PRIMAVERA)*

Com a institucionalização do parto, as mulheres deixaram de parir em seus lares, no ambiente familiar, vivendo a ruptura dos hábitos de solidariedade feminina e do espaço da vida cotidiana. As práticas instituídas baseadas em normas e rotinas tornaram as mulheres passivas e impossibilitaram a presença de pessoas de seu convívio social para apoiá-las. A institucionalização do parto foi determinante para afastar a família do processo de nascimento e parto, atendendo às necessidades dos profissionais de saúde em detrimento das necessidades das parturientes.

Associado ao espaço físico está a questão da rotina hospitalar, que mesmo contando com uma equipe bem preparada, tanto do ponto de vista técnico quanto científico, impossibilita na maior parte das vezes a prestação de uma assistência humanizada a apenas a uma parturiente. Desta forma, apesar de todo esforço dos profissionais em proporcionar este atendimento, muitas vezes a parturiente fica sozinha, dividindo o espaço

Santos LM, Barbosa TS, Paiva MS et al.

do centro obstétrico apenas com outras mulheres em igual situação.<sup>8</sup>

As parturientes apresentam uma preocupação comum, a de não serem fortes suficientes de enfrentar o processo parturitivo, as quais expressam que:

*[...] na hora das dores é muito difícil, você acha que não vai resistir (GIRASSOL).*

O processo parturitivo configura-se como um momento intensamente estressante para a mulher, em decorrência da dor relacionada às contrações uterinas, cada vez mais intensas, além de ser uma experiência notadamente estranha, do ponto de vista dos atores envolvidos na cena do parto.

Mediado pelas imagens veiculadas nos meios de comunicação na qual se incluem imagens do parto, o relato de experiências de outras mulheres e o sentimento de solidão podem reforçar nas mulheres o temor pelo enfrentamento desse processo, uma vez que tais imagens costuma mostrar a mulher empregando extrema força física, cercada de dificuldades que muitas vezes vem acompanhada de morte passando tal aspecto figurar entre os temores da mulher em trabalho de parto, tornando-a ainda mais fragilizada.

*Às vezes a pessoa pensa até que vai morrer, porque na hora que a pessoa vai ter o filho é realmente difícil! Então se tiver alguém do lado eu acho que seria melhor [...]. O parto é um momento muito difícil [...] é muito importante ter uma pessoa acompanhando. (ALAMANDA).*

A associação do medo da parturiente decorrente do isolamento nas salas de parto e do seu afastamento do contexto familiar, juntamente com os fatores ansiogênicos relacionados com o ambiente e as atitudes negativas de alguns membros da equipe de saúde, podem potencializar alterações na fisiologia do trabalho de parto, devido ao fato de possibilitar a liberação de substâncias inibidoras da síntese de ocitocina e da endorfina endógenas. Estas são capazes de facilitar o apagamento e a dilatação do colo uterino.<sup>9</sup>

Tais fatores negativos, juntamente com as intervenções desnecessárias e sem embasamento nas evidências científicas, contribuem para um clima de insegurança materna, acarretando um trabalho de parto mais doloroso, demorado e com uma maior probabilidade de complicações obstétricas e perinatais.

A palavra “difícil” foi muitas vezes empregada por todas participantes para se referir ao momento do parto, esta expressão representa que a mulher entende o parto

Postpartum women's perception on the companion's...

como um processo que exige esforço, algo que para realizar torna-se complicado, trabalhoso e árduo, justificando a necessidade de auxílio.

De acordo com as falas das entrevistadas, a permanência de um acompanhante contribuiria para que este momento fosse menos estressante, já que seria uma oportunidade de promoção de um estado de calma. Por outro lado, a segurança estaria associada à necessidade de compartilhar seus medos e anseios com alguém de presença constante, durante todo o processo do parto e nascimento, sendo este alguém de seu convívio familiar. Sendo assim, o conforto, devido a esta presença, poderia facilitar a fisiologia deste momento, não necessitando da impactante medicalização do corpo feminino.

Nesta direção, o suporte do acompanhante no processo da parturição poderá proporcionar à mulher sentimentos positivos, tais como a segurança, a coragem, a tranquilidade e o conforto, com conseqüente redução do medo e ansiedade. A companhia contínua de uma pessoa ao lado durante o processo parturitivo é uma forma de suporte emocional, já que reduz a solidão e o medo em um ambiente desconhecido.<sup>10</sup>

Durante o internamento no centro obstétrico a parturiente deixa seu lar, onde se sente protegida, segura e acolhida por pessoas de sua confiança, passando a ficar num local estranho, isolada de seus familiares e companheiros e dividindo este espaço na maioria das vezes, com outras parturientes e profissionais que elas jamais viram em suas vidas. O cenário de nascimento transformou-se rapidamente, tornando-se desconhecido e amedrontador para as mulheres.<sup>1</sup>

Com base nas evidências científicas, a presença de um acompanhante possibilita segurança emocional à mulher, trazendo benefícios à sua saúde e à do recém-nascido.<sup>11</sup> O Ministério da Saúde reconhece os benefícios e a ausência de riscos associados à inserção do acompanhante, sendo recomendada à realização de esforços para garantir que a parturiente tenha uma pessoa de sua escolha para encorajá-la e dar-lhe conforto durante todo o processo da parturição.

Uma característica central do suporte no parto é a promessa de que a mulher em trabalho de parto não ficará sem apoio em nenhum momento. A simples presença física de uma pessoa não é suficiente. Esta deverá realizar atividades de suporte, que compreendem tanto medidas de conforto físico quanto o apoio emocional para a parturiente.<sup>12</sup>

Por outro lado, nas últimas décadas o papel da paternagem ganha maior visibilidade, já que o movimento feminista começa a discutir e a dar maior ênfase às questões de gênero, no que se refere aos papéis socialmente construídos, de homens e mulheres, no tocante à reprodução. Nesta discussão, a função de cuidado com a prole, associado ao mundo feminino passa a fazer parte do masculino, sendo que este começa a exigir a sua presença na sala de parto, como co-responsável por esta experiência.

Sendo assim, a participação da família na cena do parto e nascimento, faz-se de inteira importância, pois permitirá o fortalecimento dos laços afetivos.

A presença do pai se faz de fundamental importância neste momento, principalmente para fortalecer o vínculo entre o trinômio pai-mãe e filho. Verificamos que muitas das entrevistadas gostariam de ter seu marido durante o parto. Ver o trabalho de parto e o nascimento põe o homem ao lado da parceira e ilumina seu comprometimento com o relacionamento e com a paternidade.<sup>13</sup>

No estudo de Teles et al. (2010) dos acompanhantes que se fizeram presentes durante o processo de parto, a maioria, 84 (80,0%) pertencia ao sexo feminino, sendo a categoria social de acompanhante mais frequente a mãe, com prevalência de 35 (33,4%), seguida do esposo 20 (19,0%).<sup>10</sup>

Faz-se necessária a discussão, entre a mulher e o seu marido, ou outro acompanhante que a parturiente desejar no que se refere à verdadeira função e atuação deste na cena do parto. Caberia aos profissionais de saúde a função de supervisão da fisiologia do processo de parto e nascimento, além do atendimento das demandas requeridas pela parturiente e seu acompanhante.

## CONCLUSÃO

Evidenciou-se neste estudo, que apesar da presença dos trabalhadores da saúde na cena da parturição, os mesmos não são considerados como suporte para o enfrentamento deste momento, uma vez que as entrevistadas reforçaram que desejavam a companhia de seus familiares a exemplo de seu companheiro, sua genitora, filha ou amiga.

Este fato pode estar associado ao não estabelecimento de vínculos solidários entre os trabalhadores da saúde e a parturiente, tendo em vista a complexidade e a dinâmica do processo de trabalho, por um lado, e por outro, por aqueles não considerarem o

estabelecimento deste vínculo, como meta a ser alcançada no planejamento do cuidado.

As rotinas institucionais, bem como uma deficiência de profissionais nas unidades de Centro Obstétrico, acabam interferindo no cuidado que é oferecido à mulher em processo parturitivo. Neste contexto, a parturiente acaba ficando sozinha, compartilhando sua singularidade e individualidade com outras parturientes em igual situação, perpassando neste momento em seu organismo um intenso estado de medo e ansiedade em relação às alterações características de cada fase clínica do trabalho de parto e do parto.

Durante todo desenvolvimento deste estudo ficou claro a necessidade de mudança de atitudes de alguns profissionais, durante o atendimento prestado, além de percebermos que as puérperas analisam a presença de um acompanhante na sala de parto como de fundamental importância, enfocando principalmente a presença de familiares e do próprio marido/pai.

Todos os profissionais de saúde, envolvidos com a defesa do cuidado humanizado à mulher em processo parturitivo, devem buscar a qualificação e a excelência do mesmo, com o intuito de concretizar os princípios da humanização.

Neste estudo, a importância do acompanhante na cena do processo da parturição, foi representada por alguns pilares, a saber, a confiança, a segurança física e emocional da mulher e o combate ao medo. Este acompanhante, em destaque, foi evidenciado pelas depoentes como alguém de seu convívio familiar.

Desta forma, salienta-se que a parturiente necessita da presença do acompanhante de sua escolha, sendo que ambos devem ser devidamente preparados, buscando promover a segurança materna durante este processo, favorecendo assim a passagem para a maternagem e a paternagem, sem intercorrências.

O grande desafio que se coloca, para todos os profissionais que prestam esta assistência, é o de minimizar o sofrimento das parturientes, tornando a vivência do trabalho de parto e do nascimento em experiências de crescimento e realização para a mulher e sua família.

Acredita-se em uma nova abordagem que estimule a participação ativa da mulher e de seu acompanhante, que priorize a presença constante do profissional junto da parturiente, preconize o suporte físico e emocional e o uso de novas tecnologias de cuidado que proporcione o alívio da dor. Entre

elas sugerimos a escuta ativa, o estímulo à deambulação e à mudança de posição, uso da água para relaxamento e massagens. Estas poderão ser oferecidas à parturiente, por um acompanhante de sua escolha e supervisionado pela equipe de saúde.

Faz-se fundamental, a incorporação da filosofia da atenção humanizada à mulher em processo parturitivo, com ênfase na inclusão do acompanhante, na missão desta instituição, sendo proporcionadas mudanças, tanto na estrutura física, quanto na criação de espaços coletivos para a discussão das evidências científicas disponíveis, com vistas à mudança de postura dos trabalhadores da saúde, envolvidos neste processo.

Assim, considera-se este estudo de relevância social já que mostrou a percepção das puérperas, em relação à possibilidade de participação de um acompanhante no processo parturitivo. Poderá servir como base para os gerentes das unidades obstétricas e gestores municipais refletirem sobre a importância desta temática e o quão se faz imperativa a implantação de normas e rotinas que venham a permitir o direito de um acompanhante na sala de parto, como coadjuvante no processo parturitivo.

Ao nível teórico fortalecerá o conjunto das evidências científicas que validam a participação e a importância do acompanhante durante o processo da parturição, contribuindo com novos estudos acadêmicos.

## REFERÊNCIAS

1. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de políticas de Saúde. Área Técnica de Saúde da Mulher. Parto, aborto e puérperio: assistência humanizada à mulher. Brasília: Ministério da Saúde; 2001.
2. Hotimsky SN, Schraiber LB. Humanização no contexto da formação em obstetrícia. *Ciênc saúde colet*. Jul/Set 2005;10(3):639-49.
3. Hotimsky S N, Alvarenga AT. A definição do acompanhante no parto: uma questão ideológica? *Rev Estud Fem*. 2002 Jul/Set; 10(2):461-81.
4. Storti JPL. O papel do acompanhante no trabalho de parto e parto: expectativas e vivências do casal [dissertação]. Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem; 2004.
5. Minayo MCS. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: Jovchelovitch S, Guareschi PA. *Textos em representações sociais*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Vozes; 1995. 328p.

6. Tarnowski KS, Próspero, ENS, Elsen I. A participação paterna no processo de humanização do nascimento: uma questão a ser repensada. *Texto Contexto Enferm*. 2005; 14(esp):102-08.

7. Espírito Santo LC, Bonilha ALL. Expectativas, sentimentos e vivências do pai durante o parto e nascimento de seu filho. *Rev Gaúcha Enferm*. 2000 Jul; 21(2):87-109.

8. Nakano MAS, Silva LA, Beleza ACS, Stefanello J, Gomes FA. Support during the labor and delivery processes: viewpoint of companions of women giving birth. *Acta Paul Enferm*. 2007; 20(2):131-37.

9. Macedo PO, Santos I, Quitete JB, Vargens OMC, Lima EC. As tecnologias de cuidado de enfermagem obstétricas fundamentadas pela teoria ambientalista de Florence Nightingale. *Esc Anna Nery Rev Enferm*. 2008 Jun;12(2): 341-7.

10. Teles LMR, Américo CF, Pitombeira HCS, Freitas LV, Damasceno AKC. Delivery accompanied in the perspective from who has experience. *Rev enferm UFPE on line*[periódico na internet]. Abr/Jun 2010[acesso em 2011 Jun 12];4(2):498-503 Disponível em: [http://www.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/643/pdf\\_40](http://www.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/643/pdf_40) doi: 10.5205/reuol.643-7016-1-LE.0402201007

11. Carvalho MLM. Participação dos pais no nascimento em maternidade pública: dificuldades institucionais e motivações dos casais. *Cad Saúde Pública*. 2007; 19(S2):389-98.

12. Enkin MW, Keiser MJNC, Neilson JP, Crowther CA, Duley I. Guia para atenção efetiva na gravidez e no parto. 3ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2000. 296 p.

13. Heinowitz J. Pais grávidos: a experiência da gravidez do ponto de vista dos maridos. São Paulo: Cultrix; 2005. 184 p.

Sources of funding: No

Conflict of interest: No

Date of first submission: 2010/10/14

Last received: 2010/10/12

Accepted: 2011/06/12

Publishing: 2011/07/01

### Address for correspondence

Luciano Marques dos Santos  
Residencial Princesa do Sertão Ala Norte  
Rua Dr. Macário Cerqueira, Bl. 05  
Ap. 102 – Muchila II  
CEP: 44080-640 – Vale do São Francisco (BA),  
Brasil